

RALED

VOL. 24(1) 2024



ARTÍCULO

Prática de textos e leitura crítica como estratégias na pandemia da COVID-19: uma metodologia discursiva a partir das Redes Pragmáticas

Text practice and critical reading as strategies in the COVID-19 pandemic: a discursive methodology based on Pragmatic Networks

GERSINEY SANTOS

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares
da Universidade de Brasília (CEAM/UnB)
Brasil

JÚLIA BEATRIZ TAVARES RABELO

Universidade de Brasília
Brasil

Recebido: 20 de dezembro de 2023 | Aceito: 3 de março de 2024

DOI: 10.35956/v.24.n1.2024.p.182-200

RESUMO

Por sua natureza difusa, os textos são um meio essencial para a reflexão acerca do mundo em que se vive. Articular e pôr em prática maneiras de canalizar seu poder a direções cidadãs – especialmente, em tempos de crise – pode, pois, tornar-se sinônimo de contribuição fértil para a transformação social. O intento deste artigo é destacar o processo de interação com os textos, partindo da leitura crítica como meio de aproximação entre os Estudos Críticos do Discurso e ações materiais de defesa da cidadania; ademais, compartilhamos a experiência de aplicação da análise de discurso no contexto da prática de texto como ferramenta de ação crítico-reflexiva. Desse modo, dentro da perspectiva das Redes Pragmáticas, apresentamos a Prática de Textos Discursivamente Orientada: uma metodologia de orientação cidadã-transformacional, aplicada ao contexto de sala de aula reconfigurada para o trabalho remoto, mandatário durante o auge da pandemia da COVID-19 no Brasil.

PALAVRAS CHAVE: *Estudos Críticos do Discurso. COVID-19. Prática de Textos Discursivamente Orientada. Redes Pragmáticas. Tecnologia digital e ensino.*

RESUMEN

Articular y poner en práctica formas de canalizar el poder de los textos hacia la lucha ciudadana – especialmente en tiempos de crisis – se puede convertir en sinónimo de una contribución fértil a la transformación social. La intención de este artículo es destacar el proceso de interacción con los textos a partir de la lectura crítica como medio para acercar los Estudios Críticos del Discurso y las acciones materiales para la defensa de la ciudadanía. Además, compartimos la experiencia de aplicar el análisis del discurso en el contexto de las prácticas de textos como herramienta para la acción crítico-reflexiva. Así, desde la perspectiva del abordaje de las Redes Pragmáticas, presentamos la Práctica de Textos Orientada Discursivamente: una metodología de orientación transformadora de la ciudadanía, aplicada al contexto de una clase reconfigurada para el trabajo remoto durante el auge de la pandemia de COVID-19 en Brasil.

PALABRAS CLAVE: *Estudios Críticos del Discurso. COVID-19. Práctica de Textos Orientada Discursivamente. Redes Pragmáticas. Tecnología digital y enseñanza.*

ABSTRACT

Regarding their diffuse nature, texts are an essential means for look sharply to the world in which we live. Articulating and putting them into practice ways of channeling their power towards citizen leadership – especially in times of crisis – it is possible to take texts as synonymous of fertile contribution to social transformation. The intention of this article is to highlight the process of social interaction with texts, starting the discussion from critical reading as a means of bringing Critical Discourse Studies (CDS) and material actions in articulation to defend citizenship. Furthermore, we illustrate that by sharing the experience of applying discourse analysis in the context of text

practice as a tool for critical-reflexive action. Thus, within the perspective of Pragmatic Networks, we present the CDS-Driven Text Practice: a citizen-transformational guidance methodology, applied to a classroom reconfigured for the COVID-19 pandemic context in Brazil.

KEYWORDS: *Critical Discourse Studies. COVID-19. Critical Discourse Studies-Driven Text Practice. Pragmatic Networks. Digital technology and education.*

Introdução

O debate sobre os Estudos Críticos do Discurso (ECD) tem, certamente, avançado e sido projetado nas últimas décadas. Entre diversos fatores, tal ampliação pode ser observada em alinhamento com a série de grandes transformações pelas quais o mundo social tem passado em termos de relações sociais mediadas. Assim, o papel que a linguagem desempenha nesses processos passou a ter ainda mais buscas cientificamente embasadas. Também tem sido recorrentes as discussões sobre os rumos reservados para a relação entre linguagem e sociedade em tempos de uma tecnologia digital cada vez mais pervasiva nas relações humanas. Com base nisso, este texto lança-se a um desafio: o de localizar o trabalho reflexivo com os textos dentro da miríade de possibilidades acionais que, sob determinadas óticas, aparentemente, pouco têm oferecido ferramentas críticas de cunho cidadão.

Para tanto, durante nossa argumentação, o foco será atribuído à leitura e a maneiras de articulação entre texto e intervenção social – entendendo a necessidade de assumir uma postura crítica diante desses pontos. Interessa-nos igualmente compartilhar uma experiência de trabalho crítico-reflexivo, englobando diferentes linguagens, com vistas à reflexão acurada acerca de conceitos possíveis de cidadania. Desse modo, parece-nos altamente profícua a aproximação estratégica entre a construção, o consumo e a difusão dos textos no mundo social profundamente conectado por redes digitais. Neste trabalho, além de estruturar uma defesa nesse sentido, articularemos os temas mencionados ao contexto crítico da pandemia da COVID-19 (que, no Brasil, teve seu auge em 2020 e 2021). O período histórico experienciado pela população global, nas mais diversas camadas econômicas e culturais, acentuou o abismo social no qual nossa sociedade historicamente se desenvolveu.

Assim sendo, somam-se nesta reflexão compartilhada as vozes docente e discente, em um texto a quatro mãos, a partir da localização descrita do trabalho com textos, em contexto de pandemia do coronavírus, por meio de experiências criativas oriundas do espaço de sala de aula da Universidade de Brasília (UnB). A partir da disciplina de Prática de Textos, na ocasião, foi possível consolidar uma metodologia plural, pela qual ratificamos a defesa da educação e da ciência como meios de viabilização do exercício de reexistências – conceito da Dra. Ana Lúcia Silva Souza (2009; 2011) – ao qual nos alinhamos e atualizamos a nossos propósitos). Nas próximas linhas, pensaremos a prática de textos – ou melhor, uma prática de textos discursivamente constituída – como potência transformacional que tende a esclarecer maneiras de se repensar e reagir criticamente a abusos anticitadãos (por vezes solapado pelo que deslindaremos como ultraconexão).

Por fim, oferecemos com esta leitura um percurso dividido em três partes. Na primeira seção, apresentaremos algumas observações inter-relacionais sobre discurso, texto e uma operacionalização crítica para canalizar novos entendimentos sobre a importância cidadã da leitura – e, por conseguinte, da leitura cidadã –; ademais, para concretizar a conexão dos temas, definiremos a proposta metodológica da Prática de Textos Discursivamente Orientada (PTDO). Na segunda parte, ofereceremos um aprofundamento epistemológico da PTDO e sua possibilidade de materialização, realizada pela abordagem das Redes Pragmáticas (RP). No terceiro e último momento do texto, apresentaremos um exemplo de aplicação concreta da PTDO (o da experiência didática), indicando o complexo contexto das atividades de sala de aula remotas, na UnB, por ocasião da pandemia da COVID-19: para isso, compartilharemos as estratégias horizontalmente pensadas, dialogadas, e realizadas a partir da PTDO.

1. Prática de textos e discurso: experiências

Em geral, relacionamos a leitura diretamente ao ato da escrita – como um processo fluido que sustenta declarações tais como “quem lê escreve bem”. Desde as mais antigas civilizações – como a mesopotâmica (atual Iraque), por meio dos povos sumérios –, ler e escrever implicavam poder; por sua vez, a capacidade de interferir na vida de outrem (sem necessariamente o uso da força física) sempre esteve relacionado com outro ato – que deveria ter ainda mais atenção por parte de quem se dedica a estudar linguagem e a construção de textos: a edição. Tratemos desse ponto.

1.1. A prática de textos como o exercício sobre outrem... e com outrem

O uso da escrita cuneiforme, desenvolvida por volta de 4.000 a.C., registrada em tabuletas – de argila ou pedra –, representava o cotidiano, a economia e a política, promovendo a ação de permissão ou de restrição a determinadas práticas. O que mencionamos em relação à grande civilização da Mesopotâmia não difere do que ocorreu em outros notórios impérios, como o Oriente Médio, Roma, China ou dos Povos Originários da América Central. Construir textos, desde o início de nossos registros como sociedade, implica poder.

Ainda assim, como na Mesopotâmia, a prática de textos (sua produção, consumo e distribuição) não estava disponível para quaisquer pessoas: desde desses longínquos tempos, o acesso estava direcionado para uma elite treinada para lidar com o poder que a prática de textos impunha (escritas, sacerdotes e, no caso do Egito, faraós). O letramento na prática de textos atribuía uma posição de destaque na sociedade às pessoas que possuíam o poder de registrar o mundo. Desse modo, tal especialização era um meio acessível para poucos.

No percurso histórico-geográfico proposto, podemos destacar como linguagem e poder estiveram conectados como elementos fundantes para as relações sociais, cristalizadas e trazidas até os tempos atuais por vetustos textos. Dentro desse entendimento, portanto, está também a importância do meio no qual essa relação, operada pela prática deles, os textos (verbais e não verbais), acontece. São exemplos os papiros e os pergaminhos, relacionados, respectivamente, ao Egito e a Roma antigos: ambos os materiais são exemplos de como a necessidade da comunicação orienta para o desenvolvimento de tecnologias que sirvam aos propósitos da construção comunicativa.

Como visto, analisar a conjuntura é primordial para entendermos que os fatos e as construções que a eles se articulam dão conta de explicar boa parte do que se vivencia na atualidade. Igualmente, os eventos históricos mencionados elencados podem provocar a reflexão acerca de como linguagem e poder relacionam-se, de modo criativo, para a difusão e estabelecimento de interpretações acerca do mundo. Dependendo do nível de influência social que se tem, tal relação passa a ser atualizada no que entendemos como práticas sociais, cotidianas, as quais validam ou podem refutar modos de concepção subjetivos sobre a experiência social. A isso, para início de reflexão, podemos atribuir o entendimento de **discursos**; isto é, interpretações particulares sobre o mundo social, desenvolvidas e articuladas por meio da linguagem e concretizada em textos (verbais, não verbais e multimodais) cuja disseminação é balizada pelo nível de influências simbólica e material de determinados grupos sociais sobre outros.

Os estudos voltados ao discurso – como fenômeno relacional entre linguagem e sociedade – possuem uma tradição que focaliza como, por meio dos usos linguísticos, participamos da construção de diversas realidades no mundo (inclusive em termos de nossas subjetividades). Tais realidades

podem ser corroboradas ou neutralizadas através de relações materiais e simbólicas articuladas, as quais, por sua vez, alimentam e são alimentadas por estruturas (sociais) calcadas em relações de poder e influência. Os Estudos Críticos do Discurso (ECD) (Resende 2019; Santos 2017, 2019; Pardo 2011) são um exemplo de área científica na qual é possível investigar os modos pelos quais os textos são um elo fundamental para a observação não ingênua da vida social. Assim sendo, esse campo da linguística, em linhas gerais, pode ser entendido como um conjunto de abordagens epistemológicas e metodológicas voltadas à análise de discurso em perspectiva anticolonial¹. É emblemática a característica dos ECD de defender uma ação transformacional de natureza textualmente orientada. É nisso que reside esta reflexão.

Para tanto, situaremos a argumentação sobre a construção, a distribuição e o consumo dos textos no campo dos ECD: nossa perspectiva articula-se com uma observação acurada e não ingênua da linguagem, nas mais variadas construções simbólicas e ações materiais do mundo. A leitura crítica alinha-se, nesse percurso, com o entendimento da gênese social que dá ânimo aos textos: a observação dos fatos sensíveis do mundo e sua relação causal com modos de ser e de estar, estes, por sua vez, baseados na visão crítica de discurso.

Tendo isso em conta, o debate sobre gêneros discursivos e suportes passa a ganhar mais fôlego, uma vez que são eles elos de acesso, bem como de difusão (inclusive em perspectiva extralinguística) de ideários, em geral, narrativizados, que travam constantes embates entre si – ou melhor, na interação social, orientada a projetos discursivos pela manutenção de posições de poder (Pardo Abril 2021). Ainda sobre o tema, podemos retomar o debate apresentado em Acosta e Resende (2014), no qual as autoras baseiam o entendimento de gêneros como “a instância interna ao discurso que se associa ao significado acional, o significado do discurso ligado à ação discursiva” (Acosta e Resende 2014: 132) e propõem uma caracterização (por meio da inter-relação de conceitos como pré-gêneros, gêneros e prática social) discursiva dos textos em contexto (social). Na reflexão, a observação do suporte (discursivo) – por exemplo, páginas web ou publicações mais clássicas como jornais e revistas – oferece um meio literalmente mais palpável de observarmos e discutirmos a configuração de discursos e seus efeitos no mundo cotidiano e diacrônico.

É, pois, aliando a prática de textos à leitura crítica ancorada na observação atenta aos gêneros-suportes (Tavares e Resende 2021) que se pavimentará o que defendemos por uma prática textual discursivamente orientada. A proposta inclui a noção de relações sociais, de abertura para a diferença e de diálogo com outrem, em um trabalho intelectual como possibilidade de envolvimento, de forma não ingênua, com aspectos centrais das relações de desigualdade através dos tempos. Correlativamente, o reconhecimento das potencialidades de alcance (por conseguinte, de potencial transformação) pelos suportes escolhidos para a divulgação desses textos pode contribuir para a construção de estratégias mais efetivas em projetos de mudança social.

1 Neste texto, fazemos a escolha pelo termo ‘anticolonial’ (em lugar do termo ‘decolonial’ ou até ‘contracolonial’) com vistas a aprofundar as possibilidades de uso desse item lexical a uma práxis transformacional baseada nos ECD na luta contra o discurso colonialista – sem filiar-nos diretamente com rótulos já consagrados (como o do Projeto Decolonial) ou de elaboração mais localizada (como é o caso do trabalho desenvolvido pelo intelectual Antonio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, acerca da contracolonialidade).

1.2. A prática de textos discursivamente orientada: refletindo sobre a leitura

Como discutido, textos têm a ver com níveis complexos de materialização representacional e identificacional das relações sociais (passíveis de investigação a partir dos ECD); destarte, seja histórica, seja diuturnamente, estamos falando de sociedade e de como recorremos a estratégias criativas para estabelecermos trocas simbólicas e materiais de modo efetivo, com propósitos de convencimento. A comunicação humana é estratégica e suas sofisticadas técnicas são percebidas pelo que se entende por linguagem. A língua – como um sistema simbólico, variável e culturalmente influenciado, baseado em estruturas fundamentalmente lógicas – é uma dessas sofisticações imprescindíveis para nossos propósitos como seres sociais.

Vamos a um exemplo. Teorias clássicas da psicologia do desenvolvimento e da educação (Vygotsky 2001) explicam que o que conhecemos como alfabetização está imbricado com o ventre materno: uma ilustração biológico-cultural que se difunde, por exemplo, em práticas interacionais como quando os pais nomeiam e conversam com o filho durante a gestação. Desde essa perspectiva, biologicamente, um feto começa a ouvir entre a vigésima e a vigésima quarta semana de gestação, quando os neurônios começam a formar o córtex auditivo (a região responsável pelo processamento do som). Culturalmente, a criança, em seu processo de aquisição de linguagem, passa a desenvolver modos de se comunicar continuamente, tendo objetivos mais próximos a desejos básicos do que a técnicas de convencimento retórico.

O referido exemplo corrobora a importância de uma observação mais ampliada dos usos linguísticos (não restritos à manifestação vocabular), tendo em vista que, ao interagir, em diferentes níveis, exercitamos já a discursividade – o processo de observar como a linguagem interfere transformacionalmente nas relações estabelecidas entre as pessoas. Em outras palavras, dentro de condições não adversas, mesmo sem ter sido alfabetizada, a criança tenta incansavelmente compreender o que está a seu redor e usa a linguagem para atingir objetivos – sendo a língua um recurso profundamente estratégico para isso. Conforme Lois (2010: 21):

Desde muito cedo, os olhos curiosos das crianças exploram o mundo na tentativa de compreender o que está à sua volta. Nesse cenário, o adulto desempenha papel fundamental: é pela sua mão e mediação que a criança se aproximará do desconhecido e desenvolverá novas hipóteses sobre a compreensão de algo ainda inominado. Sem uma preocupação pedagógica prévia, a criança começa seu processo de aprendizagem.

Com isso, confirmamos que a linguagem nos atinge a toda gente, a partir do momento que interagimos com o mundo. A experiência de letramento, promovendo o diálogo entre definições de autorias como Soares (1998; 2004) e Street (1995)², deve ser constantemente destacada como um processo essencial na formação da pessoa, para além do aspecto cognitivo-motor. Valorizar a ótica do letramento, pois,

2 Aclaremos que, a despeito dos desenhos e objetos epistemológicos distintos, o diálogo ao qual nos referimos está posto, neste trabalho, para os propósitos da PTDO: no que toca ao processo de ensino-aprendizagem (de leitura e escrita) e de sala de aula proposto pela Dra. Magda Soares, bem como à maior aproximação com os ECD, em nosso entendimento, que a perspectiva sociocultural de letramento do Dr. Brian Street oferece.

implica uma dimensão que conecta o indivíduo com a complexidade social constitutiva de construtos simbólicos-culturais necessários para sua própria sobrevivência como elemento de um todo – este, em geral, caótico (que é o meio social) –: estamos falando especificamente da cidadania, ou melhor, do letramento cidadão (este, uma proposta de letramento que aborde centralmente a prática cidadã, uma de reflexividade e respeito multidimensional, conforme vimos argumentando). O caráter de codificação e decodificação exigido no processo técnico de alfabetização (de leitura e de escrita) – no entendimento de práticas fundamentadas no letramento cidadão – passa a articular de maneira consciente (ou melhor, crítica-reflexiva) os conhecimentos escolar, pessoal e social. A partir disso, o trabalho (de viés crítico) com o discurso também encontra campo, uma vez que conceitos éticos, históricos e cidadãos são centralizados, a fim de que as práticas de contribuição social sejam realizadas além da mera retórica.

É nesse sentido, pois, que a prática de textos que defendemos (com foco na leitura e na escrita críticas) está profundamente atrelada ao exercício de percepção do mundo social com vistas à autopercepção de quem constrói a relação mais material da linguagem em nível discursivo, que é o texto. Por isso, defendemos uma construção discursivamente orientada, a **Prática de Textos Discursivamente Orientada** (PTDO).

Na PTDO, quatro dimensões – que perpassam aspectos subjetivos, simbólicos e espaciais – são articuladas, a fim de construir um processo ontológico e discursivo-transformacional: a) *leitura crítica*; b) *construção reflexiva em equipe*; c) *construção de textos e projetos pragmáticos*; d) *reflexão crítico-cidadã orientada à ação*.

Em linhas gerais, dentro da PTDO, o entendimento de *leitura crítica* envolve um processo recorrente de leitura (sempre acompanhada de interações e debates), com foco em práticas discursivas situadas (as quais não desconsideram o planejamento e a organização de ideias), bem como na intertextualidade. No que se refere à *construção reflexiva em equipe*, aproveitando o espaço de criação – tanto físico (no caso deste diálogo, a sala de aula da graduação de letras da Universidade de Brasília) quanto simbólico (o de escuta de propostas acionais em dimensão compartilhada e mormente horizontalizadas) – centra-se em discussões coletivas e dialogadas, a partir de gêneros discursivos negociados, com vistas à construção de reflexões, de ações plurais e focalizadas em conjunturas sociais (podendo ser elas problemáticas ou não). Já a *construção de textos e projetos pragmáticos* diz respeito a uma formação linguístico-discursiva para diferentes níveis de comunicação, a qual consiste na apresentação recorrente de propostas de intervenção engajadas, a partir de diferentes gêneros discursivos (como a construção de artigos acadêmicos e projetos estratégicos, por exemplo) alinhados à proposta das Redes Pragmáticas (Santos 2017, 2019, 2022). Por fim, no que toca à *reflexão crítico-cidadã orientada à ação antirretórica*, podemos defini-la como um ambiente simbólico-material construído sistematicamente a partir das reflexões discursivas, com vistas à consolidação de espaços crítico-reflexivos de natureza propositiva, os quais, por sua vez, servem como fonte para o que a PTDO chama de frutos discursivos (FD).

Como mencionado, uma das etapas essenciais para esse modelo de trabalho é a retomada do lugar da leitura. Sendo, pois, uma perspectiva que se orienta pela proposta da construção, em lugar de ‘produção’³, a PTDO trata a leitura nos tempos de **ultraconexão** (em que pululam dispositivos

3 Em nosso entendimento reflexivo e discursivo-crítico, ‘produzir’ remonta a uma ordem de discurso tecnicista e, por vezes, esterilizante.

táteis, serviços de *streaming*, pressão pela dependência da Inteligência Artificial etc.) como um ponto crucial conectado às realizações linguísticas escritas e multimodais – sempre partindo de um viés posicionado, focado na cidadania (Santos 2007).

O termo ‘ultraconexão’ está intimamente relacionado com o conceito das Redes Pragmáticas por tratar de outra perspectiva central para a proposta, relacionada à tecnologia digital. A ultraconexão, dentro do debate das RP, é entendida como uma estratégia discursiva de colonialismo imiscuída no avanço tecnológico digital, a qual recorre a gêneros discursivos, suportes e pessoas estratégicos (por exemplo, pessoas influenciadoras digitais – ou *influencers* –, que, na teoria das RP, são denominadas símbolos performático-sociais) para opacificar o senso crítico e o engajamento na luta efetiva pela defesa da cidadania. Nessa perspectiva, a ultraconexão não é sinônimo de democratização ou inclusão digital, indo mais próximo do que se pode entender como uma banalização de práticas colonialistas via antiletramento digital (esta, operada pelo sem-número de dispositivos e recursos digitais interdependentes). O fenômeno envolve discursos de poder baseados na ordem do consumismo – aparelhos, produtos e serviços, em geral, relacionados a grandes marcas do mercado e multinacionais da tecnologia, as *big techs*.

É com base nisso que a leitura (re)assume ponto basilar de debate e de reflexão, para que se possa entender ‘o que é ler’, em cada contexto no qual a PTDO for aplicada. Assim, nossa proposta está intimamente alinhada com uma leitura social das coisas do mundo e de suas relações constitutivas – isto é, não apenas a decodificação –; defendemos um processo de leitura baseado na imersão e difusão de conceitos como (abertura para a) diferença, alteridade e respeito. Destarte, a ação de ler, por elementar, continua sendo um processo conectado à escrita, mas funcionando como uma etapa pragmática e norteadora para os grupos envolvidos no processo. A leitura, na Prática de Textos Discursivamente Orientada, aponta para observações enfaticamente pormenorizadas sobre o poder da linguagem, contudo sem desencaixá-la da experiência, em diferentes níveis. Ratificamos, com isso, o que Bakhtin (1981) defende, ao tratar da língua/linguagem como um meio no qual o individual e o social se encontram, de forma a construir, desconstruir e reconstruir sentidos (ou significações, no caso da argumentação do intelectual russo) sobre o mundo onde ocorrem as experiências.

2. A PTDO no contexto das Redes Pragmáticas

A Prática Textual Discursivamente Orientada está pensada para existir em consonância com o que apregoam as principais legislações relativas à educação no País. A leitura, foco desta reflexão, conforme mencionamos, é peça-chave na PTDO. Para dimensionar sua importância, não podemos perder de vista os lados constitutivos necessários para uma tomada consciente de seu lugar; desse modo, o tema da experiência, abordado, aqui, em momentos anteriores, precisa ser tomado mais localizadamente. Acreditamos, portanto, que uma formação crítica que conecte a vida social à educação é um dos caminhos possíveis para o que entendemos como mudança social.

Como define a própria Carta Magna:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil 1988)

Conforme a Constituição Federal, a conexão entre escola e família (junto com Estado) é caracterizada como motor fundamental para a construção cidadã.

Tendo já abordado o tema central da experiência para as RP, também para a proposta de uma prática de textos cidadã (aproximando o elemento constitutivo da leitura), não se pode deixar de trazer para junto da influência que exerce a família o fato das relações materializadas fora do ambiente do lar, no mundo social. Tal percepção não é, de fato, algo inédito, afinal, já se discute há bastante tempo o quanto as relações interpessoais extrafamiliares são relevantes para a construção de si e da autopercepção de no mundo social; o que estamos defendendo com a Prática de Textos Discursivamente Orientada é a necessidade de um mergulho (discursivo crítico) que conecte efetivamente a família (em sentido lato) ao mundo, e que, desse necessário colapso, possa se observar os diferentes níveis de presença das alteridades na configuração cidadã. É somente a partir disso, insistimos, que a noção mesma de cidadania passará a ser encarada e poderá ser trabalhada com vistas a ações frutíferas de mudança.

Estamos falando especificamente do lugar das redes que se estabelecem na vida social e como elas são preponderantes para movimentos de ação ou para a própria inação cidadãs. Destarte, a percepção ampliada dos alcances linguísticos é condição de destaque para o exercício social consciente, o que vimos defendendo como cidadania. Tendo em vista estarmos trabalhando o conceito da PTDO a partir da prática baseada na experiência em rede – especialmente, da perspectiva da prática social (Fairclough 2003, 2010) –, interessa-nos observar como foco uma educação fundamentada no papel desempenhado pelos textos na configuração do mundo social. Igualmente, como é caro às Redes Pragmáticas (a serem pormenorizadas logo a seguir), é nosso objetivo dialogar o processo com quem necessita desenvolver, defender e implementar ideias transformacionais em espaços de poder. A partir de nosso lugar de fala, vemos a educação, a sala de aula como um desses espaços digamos, pluripotenciais.

É por isso que uma das bases mais consistentes para nossa proposta diz respeito a esforços históricos de intelectuais e de pessoas acadêmicas para a construção, por exemplo, de uma legislação educacional atenta à diversidade constitutiva do mundo social. Para a PTDO, especialmente, interessam, como ponto de partida, instrumentos voltados à linguagem, bem como as tecnologias dela dependentes as quais ofereçam possibilidade factível de entendimento e consolidação de redes.

2.1. Redes pragmáticas: uma breve apresentação

O conceito das Redes Pragmáticas nasce do encontro entre academia e grupos sociais em situação de extrema pobreza, mais especificamente, da situação de rua. De acordo com Santos (2022), as RP são uma junção propositiva de estratégias e recursos para a intervenção social com vistas à transformação de contextos anticidadãos; sua composição básica se dá por meio da construção obrigatoriamente coletiva (por meio da participação de representantes de diferentes contextos sociais) e com estímulo à pluralidade de vozes, porém articuladas em projetos de ação crítico-reflexiva voltados a alguma problemática específica.

Ainda de acordo com Santos (2017), as RP são divididas em quatro vértices de ação: 1) *exercício da reflexividade*; 2) *intervenções antirretóricas*; 3) *visibilidade estratégica*; e 4) *produção reflexiva-social*. Trata-se de um conjunto de procedimentos, elencados (de um a quatro) apenas por questão de visualização, mas que, desde que respeitando o *exercício da reflexividade*, podem seguir a ordem de aplicação mais conveniente ao desenho estratégico organizado para a ação transformacional.

Como mencionado, as Redes Pragmáticas nascem do contexto de observação e colaboração na luta contra a situação de rua de Santos (2013, 2017), no qual foi possível analisar, durante mais de cinco anos, como a linguagem estava localizada no contexto de mobilização por direitos fundamentais no tocante à população em situação de rua. Nos trabalhos que foram publicados (Santos 2013, 2017), observou-se a centralidade que as parcerias – em diversos níveis de atuação social – tinham nos processos de defesa da cidadania de pessoas invisibilizadas pelos meios de comunicação no sentido de protagonismo político. A partir do lugar de analista de discurso de viés crítico, pudemos ver na prática como a construção de textos para variados fins resultava essencial para o avanço ou a inércia de conquistas para tal grupo social. O desenvolvimento do rótulo epistemológico das RP reafirma o poder dos textos como ferramentas potentes para a configuração real da cidadania.

Sobre as RP, desse modo, pode-se afirmar que, inserida nos ECD, possui o diferencial de pautar e orientar a planificação de ações cidadãs no trabalho com o discurso de modo textualmente articulado. Para tanto, as Redes Pragmáticas desempenham os processos de defesa da cidadania a partir da troca de experiências e vivências particulares, alinhadas à coletividade, buscando fomentar nas existências envolvidas a consciência do lugar sociopolítico do qual se colocam, dos eventuais impedimentos, bem como de seu alcance de transformação social. Os textos entram no(s) processo(s) a partir da idealização, concretização e difusão de projetos interventivos no mundo social – estes, realizados pelos gêneros discursivos, que, como argumentado, caracterizam os locais sociais das experiências de interação. O trabalho crítico com os textos, portanto, é condição vital para as RP.

Assim, os vértices (ou eixos) de ação das RP podem ser definidos pela construção de espaços de fomento a percepções ontológicas que situem social e politicamente as pessoas envolvidas na construção dos projetos de intervenção (i.e., exercício da reflexividade); o processo de autopercepção e percepção de outrem – a fim de mapear como cada força social representada pode efetivamente contribuir para a ação de transformação se materializar – deve implicar a construção de um planejamento de atividades que não se limitem ao plano da intenção, da personalização abstrata (i.e., intervenções antirretóricas) – ou até do oportunismo –; de igual modo, a análise crítica referente à participação dos indivíduos nos espaços (presenciais e/ou virtuais) em que o intercâmbio discursivo se dará, além de como se dará – mais especificamente, no balanceamento do que será entregue e no que será recebido pelas partes envolvidas, a rede – (i.e., visibilidade estratégica) é fundamental para o não esvaziamento do que for coletivamente projetado; por fim, o entendimento de que cada projeto posto em prática – o qual chamaremos de (projeto) pragmático – deva gerar produtos de registro e de futura (re)utilização, na perspectiva das RP, é também central para a integridade do que estamos discutindo nesta reflexão (i.e., produção reflexiva-social): é nesse contexto que a noção bakhtiniana de gênero discursivo estará mais claramente situada, pois diversas construções textuais (em perspectiva verbal, não verbal e multimodal) deverão ser oportunizadas e difundidas – tais como artigos, cartilhas, podcasts, videotutoriais, *lives* etc.

Por meio do desenho de processo coletivo de estruturação apresentado, portanto, podemos observar a necessidade de um trabalho no qual gêneros discursivos sejam efetivamente resultados de práticas que estimulem a ampliação do conceito de leitura para além da decodificação linguística. A partir disso, nas próximas partes do texto, apresentaremos como o entendimento da PTDO é desenvolvido como ambiente metodológico anímico da lógica das RP – em uma aproximação realizada como experiência concreta.

3. PTDO em rede como estratégia na pandemia da COVID-19: uma experiência nossa

Nesta última seção, concentraremos os esforços em aproximar a proposta da Prática de Textos Discursivamente Orientada, a PTDO, da materialidade acional. Assim sendo, canalizaremos o debate para o contexto de nossas experiências, pessoas autoras, um docente e uma estudante de graduação, dentro do cenário problemático da pandemia da COVID-19. Com base nisso, poderemos refletir de forma mais ampliada como o trabalho atento com os textos, preconizado pela PTDO, relaciona-se intimamente com a percepção conectada do mundo, nos mais diferentes níveis.

3.1. A experiência da Prática de Textos na pandemia

De acordo com o monitoramento da Fundação Oswaldo Cruz⁴, o Brasil, na metade final de 2022, contou com mais de meio milhão de mortes como saldo da controversa gestão do governo Jair Bolsonaro em relação à pandemia da COVID-19.

A doença, que foi descoberta em 2019, na China, aplacou o mundo em 2020 e atingiu seu auge de casos no Brasil em 2021 – época em que as primeiras vacinas passaram a ser aplicadas na população. Nesse cenário, as relações todas, profissionais, sociais e pessoais, sofreram uma série de impactos que se refletiu nos modos de agir e de ser no mundo. A máxima dos primeiros meses do ano 2020 era evitar o contato físico, bem como a permanência em lugares fechados e/ou de aglomeração. Cientistas e profissionais da saúde desdobraram-se para entender e lidar com os efeitos de uma doença que, como escreveram Resende e Santos (2020), afetou não apenas o aspecto biológico, mas o simbólico no que disse respeito à mídia e seus textos. Como argumentam Araújo e Lua (2021: 4), em seu ensaio sobre as ressignificações experienciais da pandemia em termos de trabalho, o trabalho remoto “foi a alternativa encontrada para a continuidade das atividades laborais. Serviços administrativos e escolares foram aqueles de maior incremento dessa modalidade de trabalho”.

A Universidade de Brasília (UnB), assim como diversas outras instituições de educação, viu-se imersa na situação extremamente delicada de remodelar as práticas acadêmicas e técnicas em pleno semestre letivo. Já no primeiro semestre de 2020 – que, naquele então, acabara de começar –, houve uma célere movimentação (que culminou na paralização do calendário de encontros presenciais) alinhada com as orientações vindas da Organização Mundial da Saúde e da classe científica e de profissionais da saúde – os quais vinham sendo alvo de ataques reiterados do governo federal, o qual, por meio da figura do então presidente Jair Messias Bolsonaro, minimizava a devastação da pandemia no Brasil e no mundo⁵.

4 Quantitativo de mortes obtido a partir dos dados informados pela plataforma MonitoraCovid-19, da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). Nosso acesso ocorreu em 04 de agosto de 2022.

5 Como descreveu a notícia “2 momentos em que Bolsonaro chamou covid-19 de ‘gripezinha’, o que agora nega”, da BBC News Brasil, de 27 de novembro de 2020, o presidente Jair Bolsonaro incorporou o discurso do negacionismo científico, utilizando inclusive a rede de comunicação oficial obrigatória para disseminar notícias falsas sobre a pandemia do COVID-19. Artigo disponível na Internet em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acessado em 12 de agosto de 2022.

Com o semestre letivo suspenso⁶, a comunidade acadêmica, após diversas conversas e negociações, optou por desenvolver as atividades de modo remoto, com um formato desenhado a partir do andamento do número de casos e evolução da doença, a fim de não prejudicar a formação de milhares de estudantes (de forma bastante patente, levando em consideração a segurança e acompanhamento de toda a comunidade acadêmica durante um momento tão complexo).

Assim, durante os dois anos de trabalho remoto, em sala de aula foi necessária também uma série de adaptações, acordes com o contexto. Foi a partir de um cenário no qual estávamos todos e todas em adaptação que a discussão sobre o papel dos textos e da leitura dos diversos gêneros alcançou um ponto crucial; daí, o compartilhamento da Prática de Textos Discursivamente Orientada – como vimos discutindo – pôde se dar. Na ocasião, foi patente como, mais do que trazer técnicas e avaliar aspectos estruturais de escrita, durante o processo de trabalho remoto, o importante era refletir sobre os alcances dos textos para a percepção e consequente cuidado de si mesmo diante do mundo social – levando em conta, principalmente, aspectos recorrentes, como, por exemplo, o tema da saúde mental. Nesse sentido, cabe ratificar como o trabalho crítico com o discurso possibilitou mergulhar na conexão entre o individual e o social de modo diferenciado – a partir da noção crítica de práticas (sociais).

Mais especificamente, no que toca à leitura crítica, ainda por meio da PTDO, foram negociadas e desenvolvidas estratégias de planejamento, processamento, seleção, hierarquização e organização de ideias – fomentando a ciência da distinção de conceitos fundamentais como, por exemplo, fatores de textualidade e a distinção entre tipos e gêneros discursivos e grau da necessidade de correlacionar tais conhecimentos com o lugar de pessoa leitora.

A partir disso, a PTDO mostrou-se como relevante ambiente ensejador da discussão e da construção textuais, tendo em conta as possibilidades de sentido dos textos (com o foco em sua aplicabilidade social), pois, a partir dos debates, eram perceptíveis novas percepções acerca da leitura e da produção de texto como instrumentos basilares para as relações sociais. Acrescido a isso, por meio dos frutos materializados, um quantitativo relevante de trabalhos com criatividade, referente às potencialidades linguísticas (presentes nos textos) e sua articulação com o contexto de circulação. Em outras palavras, dentro do complexo contexto, o que se procurou fazer como parte fundante da disciplina foi estreitar a comunicação entre docente e discentes no tocante a marcar a centralidade da leitura em todo o processo de criação e materialização textuais.

3.2. Prática de Textos Discursivamente Orientada: a estratégia relacional dos Conversatórios e dos Frutos Audiovisuais

O trabalho desenhado a partir da Prática de Textos Discursivamente Orientada abriu espaço para que se pudesse aliar as perspectivas mais teóricas com as de efetiva prática. Nesse contexto – que, não esqueçamos, deu-se de modo remoto –, o trabalho com as plataformas digitais externas às

6 De acordo com a Resolução do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), de número 0015/2020, a Universidade de Brasília, em 23 de março de 2020, declarou o semestre letivo daquele ano suspenso.

disponibilizadas pela Universidade foi elemento central para a reflexão relacional entre texto e sociedade. Para tanto, foi aprimorada a proposta da Plataforma colaborativa zuL⁷, sob a qual foram realizadas intervenções especiais, como eventos de ensino-extensão intitulados “Conversatórios”: uma oportunidade de troca entre nomes relevantes de diferentes espectros acionais para dialogar com os e as estudantes sobre os temas mais recorrentes da disciplina. Os Conversatórios podem ser definidos como momentos de interação sobre temas de aprimoramento para a prática de textos com a participação de vozes com experiência reconhecida nos temas abordados.⁸

Uma vez mais, na ocasião, a leitura crítica foi trabalhada, tendo em vista que trabalhos (escritos e multimodais) eram orientados a serem acessados para que a troca de ideias com as pessoas convidadas pudesse efetivamente ocorrer (na gramática das RP, processo que corresponde à consolidação das redes). As pessoas convidadas eram apresentadas antecipadamente⁹, com o objetivo de que as e os estudantes pudessem conhecer (e fazer suas próprias leituras de) cada pessoa chamada para cada dia, conversando, em tempo real, via transmissão de YouTube, sob a mediação do professor da disciplina. Os Conversatórios foram momentos de grande troca, tendo em vista a conexão de .

Os processos apresentados (diálogos, debates, interações com especialistas etc.) foram organizados com o intuito de preparar a turma para a etapa relativa ao vértice das *produções reflexivas-sociais*: a confecção dos chamados Frutos Audiovisuais (ou FAV). Os FAV caracterizaram-se por ser um meio no qual todas as habilidades necessárias para um trabalho mais ampliado e crítico, incluindo os textos, pudesse ser realizado, dentro da perspectiva já abordada da Prática de Textos Discursivamente Orientada.

Os Frutos Audiovisuais são a produção reflexiva-social da PTDA: foram parte de um conjunto avaliativo composto pela prática orientada dos processos interconectados de leitura e escrita críticas. Cabe destacar que, além dos FAV, durante o semestre, uma série de outros gêneros discursivos tradicionais (escritos) foram solicitados, de forma avaliativa – mais especificamente, a resenha, o artigo científico e o (pré-)projeto de pesquisa. Os FAV podem ser compreendidos como uma etapa

7 Também caracterizada como zuL Projeto(s), trata-se de uma plataforma colaborativa na qual discentes, docentes e demais pessoas interessadas desenvolvam experiências por meio de projetos sempre relacionados à cidadania. O zuL foi criado em 2019, a partir das atividades docentes do Dr. Gersiney Santos e está intimamente ligado à aplicação dos vértices de intervencionais das Redes Pragmáticas. A fim de estimular a visão crítica, a criatividade e o registro de contribuição cidadã, os projetos e atividades estão divididos em cinco grandes eixos de ação: FILOSOFIA, LINGUAGEM & SOCIEDADE, MÚSICA & ARTE, POLÍTICA e RESISTÊNCIA (esta última, posteriormente, renomeada para REEXISTÊNCIA). Mais informações podem ser acessadas em <https://linktr.ee/zulprojetos>.

8 Para mais detalhes sobre a proposta dos Conversatórios, confrontar Santos e Pereira (2017).

9 Com cerca de um mês antes do início dos Conversatórios, os perfis das pessoas convidadas foram compartilhados em sala de aula. O critério para a participação de cada nome convidado foi o trabalho de referência, desenvolvido nas áreas de leitura e construção de textos, assim como de expressão e estudos (críticos) linguísticos. Os Conversatórios ocorreram em duas temporadas e estão disponíveis no canal “zuL Projetos”, no YouTube, pelos *links*: https://www.youtube.com/watch?v=vC6RgAoC-JE&list=PLtf9Yfpq3FM6NztoRg_m7Okd-_FXgxLLf&pp=iAQB e <https://www.youtube.com/watch?v=FzkhbjzJ-MAFs&list=PLtf9Yfpq3FM4p4M1cyoNw8Gbjhaj8825e&pp=iAQB>.

de consolidação das RP (*produção reflexiva-social*), por meio da PTDO, no que toca ao deslocamento discursivo do momento teórico (com prática localizada) para o espaço de ação, de laboratório e de oficina de criação. Outro ponto de relevância é que, na proposta, as pessoas (matriculadas) recebem (receberam) a orientação de trabalhar em equipes, possuindo total liberdade para desenvolver quaisquer construções textuais audiovisuais.

No andamento dos FAV, a participação docente esteve restrita – além, obviamente, do acompanhamento direto das ações – ao estabelecimento e explicação de cinco eixos temáticos, a partir dos quais cada grupo deveria desenvolver seu Fruto. Os temas de base foram: a) Linguagem & Sociedade; b) Música & Arte; c) Política; d) Filosofia; mais e) Inovação¹⁰. As diretrizes foram negociadas, sendo que as entregas seriam avaliadas a partir da 1) relevância social do Fruto; 2) o modo de divulgação do FAV; e 3) a entrega de um texto escrito explicativo, voltado à acessibilidade do FAV¹¹.

Sobre a ligação com o tema da leitura crítica, a menção ao FAV nesta discussão está aqui posta por, conforme argumentado, ter sido o momento unificador das estratégias relacionadas a leitura na PTDO. No princípio do curso, já descrito no plano de trabalho, havia uma atividade (avaliativa, assim como os FAV, contudo anterior aos Frutos) relacionada com a construção de uma resenha. Tal fase da disciplina poderia ser descrita como a de maior fulcro da leitura: dez títulos de obras escritas – relacionados com os cinco eixos temáticos dos FAV – foram sorteados para serem lidos durante os três primeiros meses do curso (com vistas à construção da resenha avaliativa). O caráter da Prática de Textos Discursivamente Orientada em relação à leitura (ou seja, a abordagem crítica do processo) aconteceu na medida em que as obras direcionadas conectavam-se em diversos níveis com os Conversatórios (pois as pessoas convidadas tinham alguma relação com as obras a serem resenhadas). As conexões (resenha mais Conversatórios), por sua vez, deveriam ser resgatadas quando da entrega dos FAV, como ponto avaliativo.

O processo de construção da resenha, dentro da abordagem da PTDO, levava em conta o trabalho em equipe no estímulo à construção de clubes de leitura (pois, evidentemente, havia mais pessoas do que títulos na turma, o que acarretava trios e quartetos, por exemplo, lendo o mesmo livro). Desse modo, na etapa de discussão do gênero discursivo resenha, foram abordadas de modo reflexivo as dimensões de coletividade e de ética – no sentido do respeito nas discussões dos clubes, bem como à questão do plágio, assim como à eventual não entrega da atividade (esta, retomando o acordo coletivo inicial de comprometimento com o projeto do curso, discutido e aprovado por maioria).

Destacamos mais alguns detalhes do trabalho com o entendimento de leitura crítica, segundo a PTDO: o uso da tecnologia digital e da construção cidadã (baseada na ética e no respeito, temas caros às Redes Pragmáticas). Tanto os Conversatórios quanto os FAV, até por conta do cenário da

10 Os cinco eixos temáticos foram sorteados para as equipes formadas em cada turma. Cada grupo, em geral, contava com cinco ou seis estudantes componentes.

11 Os Frutos Audiovisuais foram confeccionados por equipes, divididas por turma; assim sendo, foram entregues bastantes materiais. Conforme dialogado em sala de aula, as produções que atendessem à maioria (ou à totalidade) dos critérios avaliativos teriam a possibilidade, caso fosse de interesse do grupo, de ser compartilhadas nos ambientes virtuais da Plataforma zuL (ou seja, nas redes sociais). O *link* para acessar alguns FAV no ‘ambiente’ de visibilidade estratégica do zuL é <https://linktr.ee/zulprojetos>.

pandemia, basearam-se no uso de ferramentas digitais como o YouTube, por exemplo. No que concerne aos FAV, o foco no audiovisual se deu por conta do debate sobre o entendimento ampliado de texto (além do verbal, priorizando o multimodal): entretanto, mesmo os FAV não deixavam de abordar o lugar social da escrita e da leitura, pois foi utilizada a ferramenta digital blogue para difundir as produções entregues com atenção à acessibilidade.

Obviamente, percalços ocorreram no semestre em contexto de pandemia da COVID-19: pessoas apresentaram reiteradas dificuldades de acompanhamento das solicitações – especialmente, quanto ao gerenciamento do tempo, ao trabalho em grupo, bem como a questões de plágio. Esse momento mais crítico serviu de panorama para vivenciar ainda mais de perto o debate sobre a importância da leitura, em tempos ultraconectados. Esses momentos mostraram-se igualmente férteis, pois demandaram o repensar de estratégias e das próprias práticas docente e discente para que a visão mais ampliada da necessidade cidadã da leitura (assim como da escrita) pudesse ser abordada.

Ainda, como debatemos nas seções anteriores, mesmo tendo uma das etapas fundamentais relacionadas à questão mais tradicional da leitura (i.e., o trabalho com o estratégico gênero discursivo resenha), não se fez uma separação estanque quanto à escrita. A ideia foi trabalhar a relação dos dois processos e, ao mesmo tempo, sem hierarquizações, focando no reforço dos efeitos sociais relacionados ao que se textualmente consome e ao que se difunde. Esse esforço demandava a presença constante dos estudos do letramento nos debates teóricos e nos pedidos de textos anteriores à etapa de prática.

Considerações parciais

O processo de consolidação da cidadania não prescinde do exercício da reflexividade: esta, pois, sendo um dos eixos de caracterização das Redes Pragmáticas, permitiu a construção de uma experiência interacional desafiadora – por seu contexto e pela pluralidade de caminhos –, fundamentada na prática de textos. Para este diálogo, focalizamos a experiência da leitura, de viés crítico, viabilizada pelo que definimos como Prática de Textos Discursivamente Orientada, a PTDO.

Assim sendo, quisemos oferecer uma proposta metodológica oriunda das RP, o que caracteriza uma estratégia metodológica criativa e plural. Elegendo o caso da leitura como base, apresentamos a PTDO como conectada com o que, entre outras coisas, sustenta os processos educativos, como é o caso da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), a LDB (1996) – a saber, atribuir sentidos à sociedade, com atenção às práticas sociais vivenciadas, a fim de, além da construção ativa da cultura, construir identidades cidadãs.

Com a Prática de Textos Discursivamente Orientada, observamos, ser possível oferecer um espaço de (re)leitura da percepção acerca das questões do mundo social e intervir diante delas. Igualmente, por ter essa metodologia uma base no trabalho com o entendimento polissêmico de redes – e ser uma das possibilidades de ação dentro das Redes Pragmáticas –, ela, por si, já se desenha como um meio de reforçar como a colaboração e o trabalho atento devem ser prementes em tempos tão complexos como os vividos durante o auge da pandemia da COVID-19. Desse modo, apostar em perspectivas que ponham em xeque modelos pré-estabelecidos de ser e estar diante da realidade social também é um reflexo do que os tempos posteriores a grandes crises possam demandar.

Ademais, com as RP, viabilizadas pela Prática de Textos Discursivamente Orientada, apresentamos uma via alternativa, plural, mas profundamente conectada com a defesa cidadã. Aliás o que mais nos interessa é argumentar sobre como as práticas acadêmicas e intelectuais necessitam, mais do que nunca, diante dos desdobramentos que uma sociedade ultraconectada e pós-pandêmica tenderão a impingir, assumir uma posição inegociável com a cidadania. Vale reforçar que todo o processo materializou as Redes Pragmáticas, a partir da execução dos eixos da *produção reflexiva-social* e da *visibilidade estratégica* (no que se referiu à construção e entrega dos Frutos), assim como do eixo da *intervenção antirretórica* (ao oferecer um momento da disciplina focado na teoria e outro de prática no qual as coisas expostas podiam ser resgatadas e operacionalizadas para dentro de fora do espaço acadêmico).

Com base nisso, por fim, esperamos que com as Redes Pragmáticas, mais especificamente, pela PTDO, possamos ter desenvolvido e apresentado um percurso efetivamente crítico-reflexivo, que não se exige do engajamento absoluto com a atenção do indivíduo e do coletivo social, em inter-relação (auto)percebida. Defendemos que vale apostar no trabalho reflexivo sobre as redes, na medida em que se requira o olhar para a exterioridade textual em articulação com a construção desses mesmos textos.

Referências

ACOSTA, M. P.T.; RESENDE, V.M. 2014. Gêneros e suportes: por um refinamento teórico dos níveis de abstração. *Romanica Olomucensia*, 26 (2): 127-42.

ARAÚJO, T. M.; LUA, I. 2021. [Disponível na Internet em <https://www.scielo.br/j/rbso/i/2021.v46/>]. O trabalho mudou-se para casa: trabalho remoto no contexto da pandemia de COVID-19. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 46. São Paulo. [Consulta: 04 de agosto de 2022].

BAKHTIN, M. M. 1981. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec.

BRASIL. 1996. [Disponível na Internet em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm] *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996*. Brasil [Consulta: 08 de setembro de 2023].

BRASIL. Constituição. 1988. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico.

FIOCRUZ. 2020. *Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT). MonitoraCovid-19*. [Disponível na Internet em: <https://bigdata-covid19.icict.fiocruz.br/>]. Rio de Janeiro. [Consulta: 04 de agosto de 2022].

LOIS, Lena. 2010. Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula. Porto Alegre: Artmed.

PARDO ABRIL, N. 2021. El hablar como práctica social. Em O. Loureda; A. Schrott (Eds.). *Manual de lingüística del hablar*, Berlin: De Gruyter.

RESENDE, V. M. (Org). 2019. *Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso*. Campinas: Pontes Editores.

RESENDE, V. M.; SANTOS, G. 2020. A relação entre mídia e população em situação de rua na representação da pandemia no Brasil, um projeto. Em M. Colacrai e S. T. Álvarez (comps.); V. Gastón Mutti (coord.). *Boletín del Comité de Ciencias Políticas y Sociales de la Asociación de Universidades Grupo Montevideo: "El tiempo que vivimos. COVID 19 y su impacto en nuestras sociedades"*, 1. Rosario: UNR Editora. Editorial de la Universidad Nacional de Rosario.

SANTOS, G. 2019. Linguagem e decolonialidade: discursos e(m) resistência na trilha da aquilombagem crítica. Em V. M. Resende. (Org.). *Decolonizar os estudos críticos do discurso*. Campinas: Pontes.

SANTOS, G. 2022. Para que(m) estamos falando? Redes Pragmáticas como reexistência em tempos pandêmicos. Em V. M. Resende (org.). *Estudos do discurso: relevância social, interseccionalidade, Interdisciplinaridade*. Campinas: Pontes Editores.

SANTOS, G. P. 2017. *A voz da situação de rua na agenda de mudança social no Brasil - um estudo discursivo crítico sobre o Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR)*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília.

SANTOS, G.; PEREIRA, M. L. S. 2017. Movimento Nacional da População em Situação de Rua e políticas públicas: diálogos. Em V. M. Resende; R. B. Silva, Rosimeire Barboza da. (orgs). *Diálogos sobre resistência: organização coletiva e produção do conhecimento engajado*. Campinas: Pontes Editores.

SANTOS, M. 2007. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SOARES, M. 1998. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

SOARES, M. 2004. [Disponível na Internet em <https://doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>] Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2004, n. 25: 5-17 [Consulta: 19 novembro de 2023].

SOUZA, A. L. S. 2009. *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

SOUZA, A. L. S. 2011. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial.

STREET, B. 1995. *Social literacies*. London: Routledge.

STREET, B. 1999. *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press.

VYGOTSKY, L. 2001. *A construção do Pensamento e da Linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

GERSINEY SANTOS. É Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Membro-coordenador do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade da UnB (NELiS), da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso (ALED) e da Rede Latino-Americana de Estudos Críticos do Discurso sobre a Pobreza Extrema (REDLAD). Docente do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da UnB (CEAM/UnB), do Laboratório de Estudos Críticos da Universidade de Brasília (LabEC/UnB).

Correo electrónico: gersiney@gmail.com

JÚLIA BEATRIZ TAVARES RABELO. É graduanda do curso de Letras Inglês (Tradução) na Universidade de Brasília, com experiência em monitoria nas disciplinas de tradução e de prática de textos, na mesma instituição. É oriunda do ensino público do Distrito Federal (Centro Interescolar de Línguas de Santa Maria), local que lhe despertou o interesse no estudo linguístico.

Correo electrónico: juliabeatriz.juju@gmail.com